

Perfil do consumo de medicamentos para prevenção e tratamento da COVID-19 entre estudantes de uma universidade pública

Profile of medication consumption for the prevention and treatment of COVID-19 among students at a public university

Perfil de consumo de medicamentos para la prevención y tratamiento de la COVID-19 entre estudiantes de una universidad pública

Larissa Couto Rosa¹, Paula Picoli Guimarães¹, Lorena Carnielli-Queiroz¹.

RESUMO

Objetivo: Avaliar o perfil do consumo de medicamentos para prevenção e tratamento da COVID-19 dentro de um contexto universitário e identificar as principais causas de automedicação. **Métodos:** Trata-se de estudo transversal descritivo, conduzido com 1187 indivíduos, de ambos os sexos. Os usuários foram investigados quanto a suspeita da COVID-19 e as dúvidas relacionadas ao uso de medicamentos durante a infecção. Os dados obtidos foram tabulados e analisados por meio do software Microsoft Excel®. A pesquisa está pautada na resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/12 com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** Dos entrevistados, 54,3% (644) apresentaram suspeita da COVID-19. De maneira geral, a azitromicina foi o medicamento mais utilizado. A maioria dos estudantes (99,2%) alegaram saber o conceito de automedicação. Dos 109 que realizaram essa prática, 93,6% utilizaram a ivermectina e 65,1% fizeram por indicação de familiares e amigos por acreditarem que ajudaria a prevenir a infecção. **Conclusão:** A automedicação entre os estudantes universitários foi influenciada pela insegurança advinda da pandemia da COVID-19 e suas relações pessoais além do excessivo número de informações divulgadas por diversos meios de comunicação.

Palavras-chave: COVID-19, SARS-CoV-2, Automedicação, Uso racional de medicamentos.

ABSTRACT

Objective: To assess the profile of drug consumption for the prevention and treatment of COVID-19 within a university context and identify the main causes of self-medication. **Methods:** This is a descriptive cross-sectional study conducted with 1187 individuals of both sexes. Users were investigated regarding the suspicion of COVID-19 and doubts related to the use of medications during the infection. The data obtained were tabulated and analyzed using Microsoft Excel® software. The research is based on CNS resolution 466/12 with approval by the Research Ethics Committee. **Results:** Of the respondents, 54.3% (644) were suspected of having COVID-19. In general, azithromycin was the most used drug. Most students (99.2%) claimed to know the concept of self-medication. Of the 109 who performed this practice, 93.6% used ivermectin, 65.1% did so at the recommendation of family, and friends because they believed it would help prevent infection. **Conclusion:** It is concluded that self-medication among university students was influenced by the insecurity arising from the COVID-19 pandemic and their personal relationships in addition to the excessive number of information disseminated by various media.

Keywords: COVID-19, SARS-CoV-2, Self-medication, Rational use of medicines.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar el perfil de consumo de fármacos para la prevención y tratamiento de la COVID-19 en un contexto universitario e identificar las principales causas de automedicación. **Métodos:** Se trata de un estudio descriptivo transversal realizado con 1187 individuos de ambos sexos. Los usuarios fueron investigados sobre

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória - ES.

la sospecha de COVID-19 y dudas relacionadas con el uso de medicamentos durante la infección. Los datos obtenidos fueron tabulados y analizados utilizando el software Microsoft Excel®. La investigación se basa en la resolución CNS 466/12 con aprobación del Comité de Ética en Investigación. **Resultados:** De los encuestados, el 54,3% (644) tenían sospecha de tener COVID-19. En general, la azitromicina fue el fármaco más utilizado. La mayoría de los estudiantes (99,2%) afirmó conocer el concepto de automedicación. De los 109 que realizaron esta práctica, el 93,6% usó ivermectina y el 65,1% lo hizo por recomendación de familiares y amigos porque creían que ayudaría a prevenir infecciones. **Conclusión:** Se concluye que la automedicación entre los universitarios estuvo influenciada por la inseguridad derivada de la pandemia del COVID-19 y sus relaciones personales además del excesivo número de informaciones difundidas por diversos medios.

Palabras clave: COVID-19, SARS-CoV-2, Automedicación, Uso racional de medicamentos.

INTRODUÇÃO

O coronavírus-2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2) é um vírus de RNA de fita simples positiva da família Coronaviridae que foi identificado em Wuhan, província de Hubei, centro da China, sendo o sétimo coronavírus até hoje conhecido por infectar humanos (KRISHNAN A, et al., 2021). O SARS-CoV-2 é altamente transmissível e infeccioso, sua principal forma de transmissão é por espalhamento de gotículas contaminadas, difundido por movimentos de tosse, fala, canto e até mesmo através da respiração (OPAS, 2020).

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou o surto do novo coronavírus como uma pandemia (OPAS, 2020). Em períodos como este é comum observar a presença de um conceito conhecido como “infodemia”, devido ao estado de vulnerabilidade e preocupação dos indivíduos. O termo consiste no aumento acelerado da propagação de informações sobre um assunto específico, sendo muitas vezes notícias não precisas (TENTOLOURIS A, et al., 2021).

O uso da mídia e das redes sociais durante a pandemia tem algumas vantagens, como o compartilhamento de dados e novas informações confiáveis, além da comunicação dos líderes de saúde com o público (TENTOLOURIS A, et al., 2021). Porém, as dificuldades envolvidas na busca crítica de fontes idôneas e obtenção de orientações válidas, leva o aumento acelerado de “fake news” e sua disseminação principalmente, no que diz respeito aos supostos tratamentos (BANERJEE D e MEENA KS, et al., 2021).

A ampla propagação dos possíveis tratamentos para a doença COVID-19, sem que houvesse de fato, comprovações de eficácia, segurança ou qualidade, acabou por estimular a utilização de medicamentos de maneira incorreta ou irracional, seja por prescrição médica sem respaldo científico, ou por meio da automedicação (MELO JRR, et al., 2021).

De acordo com a OMS a automedicação é caracterizada pelo uso de medicamentos por indivíduos para tratar condições ou aliviar sintomas sem a supervisão de um profissional de saúde qualificado (OMS, 1998). Apesar de ser considerada um dos elementos do autocuidado, quando inadequada e desnecessária pode levar à polifarmácia, efeitos adversos, diagnóstico incorreto, interações medicamentosas, resistência aos antibióticos e aumento dos gastos com medicamentos, sendo um risco a ser observado e prevenido (ARRAIS PSD, et al., 1997).

Logo nos primeiros meses da pandemia, começaram a ser apresentados alguns medicamentos normalmente prescritos para outras doenças, como sugestões de tratamento ou profilaxia contra a COVID-19, de maneira *off-label*, fora das suas especificações constadas na bula (SANTOS-PINTO CDB, et al., 2021).

Pode-se citar os principais: azitromicina (antibiótico), ivermectina (antiparasitário) e cloroquina (CQ) ou hidroxicloroquina (HCQ) (antimalárico). Nesse contexto, a venda de remédios disparou. O Conselho Federal de Farmácia do Brasil (CFF) realizou uma avaliação do consumo de medicamentos e suplementações alimentares, indicando um acréscimo de 68% das vendas de HCQ, entre o período de janeiro a março de 2019, comparado com o mesmo período em 2020 (CFF, 2020). A venda da ivermectina também aumentou, em meados de junho de 2020, cerca de 12 milhões de caixas do medicamento tinham sido vendidas somente no Brasil (MOLENTO MB, et al., 2021).

Entre os brasileiros, já se comprovou que há uma tendência para a automedicação. A pesquisa feita pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ) coletou dados de que 79% das pessoas com mais de 16 anos afirmam consumir medicamentos sem prescrição médica ou farmacêutica (ICTQ, 2018). Avaliando a prevalência entre os universitários, constatou-se que 96% dos estudantes realizaram esta prática (GALATO D et al., 2012).

Tais estudos reforçam a questão cultural da população brasileira em se automedicar antes mesmo da pandemia da COVID-19, principalmente entre os jovens. Essa tendência pode contribuir para uma falsa sensação de imunidade ao vírus levando a uma abordagem inapropriada e prejudicando as medidas de restrições impostas (RAFIQ K et al., 2021).

Dessa forma, este trabalho buscou investigar o uso de medicamentos reposicionados na pandemia da COVID-19, entre estudantes universitários, e analisar seus aspectos, causas e impactos, enfatizando a importância de uma farmacoterapia adequada e assistida.

MÉTODOS

Foi realizado um estudo transversal descritivo, conduzido com 1187 estudantes de uma universidade no município de Vitória, Espírito Santo, Brasil. A pesquisa foi conduzida utilizando coleta de dados, por meio de questionário eletrônico, via plataforma Google Forms, tendo como recorte temporal o período de 27 outubro a 18 novembro de 2021.

O questionário foi composto por informações demográficas, conhecimentos sobre automedicação e COVID-19, considerando-se os objetivos do estudo. O convite para participação da pesquisa com o link do formulário foi enviado para o e-mail dos estudantes pelo setor de enquete da universidade.

O questionário *on-line* foi antecedido pelo termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e apenas aqueles que se sentiram à vontade para contribuir continuaram na pesquisa.

A partir da formação de um banco de dados, foi realizada a análise das variáveis de interesse envolvidas no estudo, utilizando o software Microsoft Excel®. Os dados serão guardados por cinco anos. A pesquisa está pautada na resolução CNS 466/12 com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, registrado sob o número CAAE 51668721.2.0000.5060.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados foi realizada em questionário eletrônico, somando-se 1.187 participantes, com predominância do sexo feminino (67,2%). A idade dos entrevistados variou, sendo dos 18 a 24 anos, a faixa etária de maior participação, conforme o apresentado (**Tabela 1**).

Em uma pandemia, o aparecimento de quadros suspeitos pode ser alarmante e se agrava para o SARS-CoV-2, que parece ter a capacidade de se alastrar rapidamente e causar um grande número de infecções. Essa alta prevalência pôde ser confirmada entre os universitários, no qual 54,3% relataram suspeita da doença.

A realização do teste laboratorial é fundamental para a comprovação da infecção a fim de guiar condutas para a contenção da doença (LIMA FLO, et al., 2020). Quando indagados sobre a realização de exames confirmatórios, 52% responderam que haviam realizado algum exame para diagnosticar a COVID-19, enquanto 48% afirmaram que não.

Entre os exames descritos, foram eles: coleta de sangue para IgG e/ou IgM e RT-PCR (swab nasal/oral). Uma parcela de 3,3% não se recordava qual exame havia realizado e a outra parcela ficou dividida entre os demais.

A maior parte da amostra testada utilizou a metodologia de RT-PCR, considerado padrão-ouro para diagnóstico da infecção com excelente especificidade e sensibilidade, demonstrando boa confiabilidade nos resultados (REIS AAS e SANTOS RS, et al., 2020).

Tabela 1 - Levantamento geral dos participantes da pesquisa.

Variáveis	n	%
Sexo		
Masculino	389	32,8%
Feminino	798	67,2%
Idade		
18 a 24 anos	767	64,6%
25 a 35 anos	250	21,1%
36 a 50 anos	115	9,7%
A partir de 51 anos	55	4,6%
Apresentou suspeita de COVID-19		
Sim	644	54,3%
Não	543	45,7%
Realizou algum exame para confirmar a suspeita		
Sim, RT-PCR (swab nasal/oral)	487	41%
Sim, coleta de sangue para IgM	7	0,6%
Sim, coleta de sangue para IgG	20	1,7%
Sim, coleta de sangue para IgM e IgG	64	5,4%
Sim, não lembro qual foi	39	3,3%
Não	570	48%
Total	617	52%

Fonte: Rosa LC, et al., 2022.

A realização do teste laboratorial é fundamental para a comprovação da infecção a fim de guiar condutas para a contenção da doença (LIMA FLO, et al., 2020). Quando indagados sobre a realização de exames confirmatórios, 52% responderam que haviam realizado algum exame para diagnosticar a COVID-19, enquanto 48% afirmaram que não. Entre os exames descritos, foram eles: coleta de sangue para IgG e/ou IgM e RT-PCR (swab nasal/oral). Uma parcela de 3,3% não se recordava qual exame havia realizado e a outra parcela ficou dividida entre os demais. A maior parte da amostra testada utilizou a metodologia de RT-PCR, considerado padrão-ouro para diagnóstico da infecção com excelente especificidade e sensibilidade, demonstrando boa confiabilidade nos resultados (REIS AAS e SANTOS RS, et al., 2020).

Apesar de possíveis falsos positivos e falsos negativos, neste trabalho considerou os resultados obtidos. Dos 617 estudantes que alegaram ter feito algum tipo de exame, 228 (36,7%) apresentaram resultado positivo. Desses, 83,8% referiu sintomas leves, sendo febre, tosse, perda de paladar/olfato, dores, desconfortos, diarreia ou cansaço; 7,9% sintomas graves, incluindo dificuldade de respirar, falta de ar, dor ou pressão no peito; 7,5% foram assintomáticos e 0,9% necessitaram de hospitalização.

As características clínicas da COVID-19 são variadas, desde quadros assintomáticos até síndrome do desconforto respiratório agudo (SDRA), levando alguns pacientes a necessitar de oxigenoterapia. Os sintomas mais comuns incluem febre, tosse, fadiga, seguidos de sintomas menos comuns, como produção de escarro, dor de cabeça, hemoptise e diarreia (HUANG C, et al., 2020; STRUYF T, et al., 2021). De acordo com a OMS cerca de 80% das infecções são leves ou assintomáticas e apenas 5% dos casos requerem suporte de UTI. Estes dados reforçam os resultados obtidos, no qual a maioria relatou sintomas leves ou nenhum sintoma.

Perfil do Uso de Medicamentos para o Tratamento da COVID-19

Em relação ao perfil medicamentoso, de 228 positivados, 162 afirmaram ter feito uso de algum medicamento. Destes, 105 utilizaram dois ou mais medicamentos, totalizando um total de 391 citações. Dentre os medicamentos citados, o maior percentual foi do antibiótico azitromicina com 64,2%; seguido do antiparasitário ivermectina com 46,3%; 20,4% para dipirona; 16,1% para HCQ/CQ; 13,0% para complexos

vitamínicos; 12,4% para dexametasona; 8,0% para paracetamol e 6,2% para prednisolona. Outros com menor uso foram anti-histamínico (loratadina), expectorante (acetilcisteína), antibiótico (amoxicilina), antiparasitário (nitazoxanida) e o antitrombótico (enoxaparina).

Como visto, o medicamento mais utilizado foi a azitromicina. Em um estudo realizado em 2021, na cidade de Belém no Estado do Pará, foi observado uma prevalência de 71% de uso de azitromicina para o tratamento de pacientes com suspeita/confirmados para COVID-19 (SETO IIC, et al., 2021). Outra pesquisa realizada em Santa Catarina encontrou resultados semelhantes. Avaliando 104 indivíduos infectados, a terapêutica empregada para 45,2% deles foi à antibioticoterapia, sendo a azitromicina o medicamento mais usado, abrangendo um total de 41 pessoas (PRZYSIEZNY B, et al., 2020).

O uso indiscriminado de antibióticos é um risco ao paciente, uma vez que pode ocorrer o desenvolvimento de resistência bacteriana. No entanto, há risco de coinfeções, e neste caso, o uso da droga é sugerido (MOURA JM, et al., 2021). Um levantamento feito por Lai CC, et al. (2020) avaliou diversos estudos e mostrou a prevalência de infecções secundárias com o vírus SARS-CoV-2 de origens fúngicas, virais, ou bacterianas, levando a piora no caso clínico e conseqüentemente à morte, com alcance de até 50% entre os infectados que vieram a óbito (LAI CC, et al., 2020).

O segundo medicamento mais utilizado foi a ivermectina. Os resultados otimistas sobre evidências de sua atividade contra o SARS-CoV-2 *in vitro* atraíram o interesse de médicos e do público em geral, ocasionando um aumento na demanda do medicamento (LÓPEZ-MEDINA E, et al., 2021). A ivermectina é um antiparasitário comumente prescrito para uso humano no tratamento de estrogiloidíase intestinal e oncocercose, apresentando também ampla atividade antiviral por meio da inibição de proteínas virais (CALELLO DP, et al., 2022)

Um estudo avaliou 280 pacientes hospitalizados infectados com COVID-19, destes, 173 receberam ivermectina e 107 apenas os cuidados clínicos habituais. A análise mostrou taxas de mortalidade mais baixas nos pacientes tratados com ivermectina (15,0% vs 25,2%) em comparação ao tratamento convencional (RAJTER JC, et al., 2021). No entanto, outros estudos mostraram que a ivermectina não foi associada à redução quanto ao tempo de hospitalização e quanto à incidência de mortalidade (ABDULAMIR AS, et al., 2021). Da mesma forma, não foram relatadas diferenças significativas nos desfechos clínicos, progressão da doença e recuperação (OKUMU N, et al., 2021). Com base na falta de eficácia, seu uso não é recomendado em pacientes infectados por SARS-CoV-2, limitando sua aplicação a testes que venham esclarecer seu papel no gerenciamento da COVID-19 (OKUMU N, et al., 2021)

A HCQ/CQ também figura entre os mais citados pelos estudantes. A HCQ/CQ é geralmente direcionada para o tratamento da malária e de doenças autoimunes. Ensaio clínicos foram e estão sendo realizados a fim de investigar sua eficácia contra o vírus, visto a capacidade dessa droga de controlar a resposta inflamatória e ações antivirais *in vitro*. No entanto, ainda não há evidências clínicas significativas de melhora com o uso (NETO AJM, et al., 2021).

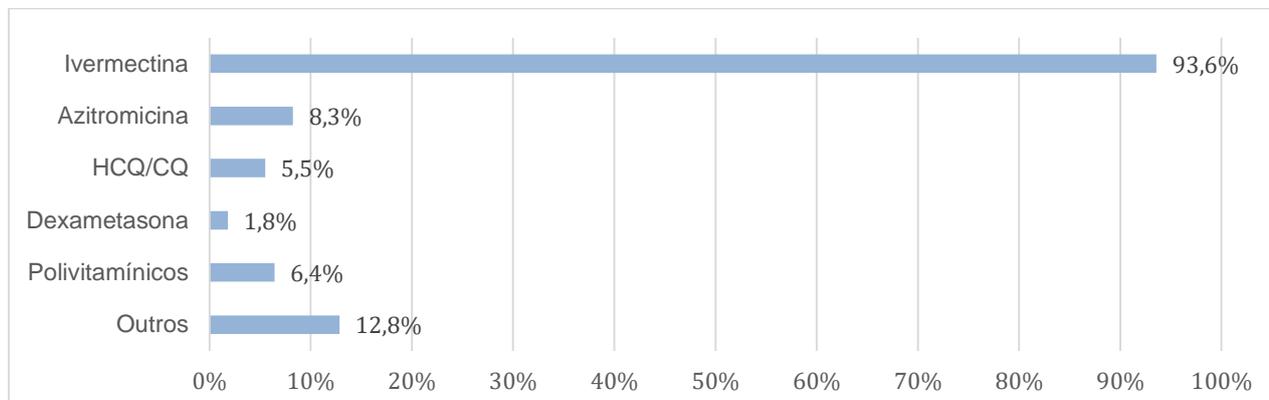
Quando indagados sobre a melhora dos sintomas com o uso desses medicamentos, 41,7% alegaram algum tipo de benefício em seu quadro, enquanto 20,6% não apresentaram a percepção de melhora significativa com o tratamento medicamentoso. O emprego de medicamentos fora de suas atribuições técnicas específicas é um uso astuto dos recursos existentes frente ao novo coronavírus. No entanto, é prudente aguardar os resultados de ensaios clínicos controlados randomizados bem projetados e em grande escala, a fim de avaliar a eficácia clínica e utilidade desses fármacos em pacientes infectados pelo SARS-CoV-2 (PANDEY S, et al., 2020).

Automedicação e o Uso de Medicamentos para Prevenção da COVID-19

Os medicamentos são reconhecidos como instrumentos indispensáveis às ações de saúde, apresentando papel central na terapêutica da atualidade, no entanto, quando utilizados de forma inadequada e sem orientação de um profissional legalmente habilitado, podem ocasionar retardo no diagnóstico, na cura e ainda contribuir para a manutenção da cadeia de transmissão de doenças (NAVES JDOS, et al., 2010). Entre os entrevistados 99,2% alegaram saber o que é automedicação. No Brasil cerca de 80 milhões de pessoas são

reféns desta prática, hábito recorrente que ganhou ainda mais espaço durante a pandemia da COVID-19 (**Gráfico 1**) (SILVA JACD, et al., 2013).

Gráfico 1 - Percentual dos medicamentos utilizados de forma preventiva.



Fonte: Rosa LC, et al., 2022.

Segundo o Relatório da Segurança Digital no Brasil a veiculação de notícias falsas (fake news) aumentou 50% entre o primeiro e o segundo trimestre de 2018 (DFNDR LAB, 2018). Um estudo elaborado em 2021 pela Fundação Oswaldo Cruz identificou a percepção de profissionais de saúde em relação à pandemia e as *fakes news*. Dos 25 mil participantes, 90% consideraram o aumento dessas notícias um empecilho para a qualidade em saúde dos indivíduos, bem como para o enfrentamento adequado da doença (BARRETO MS, et al., 2021).

Devido as diversas informações sobre o “kit COVID-19” ou “tratamento precoce”, uma combinação de medicamentos sem evidências científicas conclusivas com vistas a tratar ou prevenir a COVID-19, o fenômeno foi exacerbado sendo amplamente divulgado e potencializado pelas tecnologias digitais, contribuindo para a desinformação generalizada e o aumento do consumo irracional de medicamentos. Em um cenário com muitos conteúdos disponíveis, há uma certa dificuldade no entendimento correto daquilo que é verdadeiro, e conseqüentemente, incertezas e vulnerabilidades impactaram diretamente no aumento do acesso aos medicamentos (MELO JRR, et al., 2021).

Atrelado a isso, o descrédito à ciência implicou na procura de medicamentos baseados em fontes de consultas terciárias e outros meios não profissionais ou confiáveis, colaborando com a prática da automedicação (BARCELOS TN, et al., 2021). Entre os entrevistados, 109 participantes afirmaram ter realizado a automedicação com um ou mais medicamentos durante o período de pandemia.

O aumento significativo nas vendas de alguns medicamentos e suplementos alimentares também foi observado. De acordo com levantamento do CFF, houve um acréscimo de 180% nas vendas de vitamina C nos três primeiros meses de 2019 em comparação a 2020 (CFF, 2020).

A ivermectina tem sido o fármaco mais procurado e utilizado na automedicação entre estudos encontrados na literatura (ANDRADE EA, et al., 2021). Na pesquisa de Souza MNC, et al. (2021), abrangendo participantes de diferentes estados do país, os resultados foram semelhantes a estes, com a ivermectina alcançando a maior porcentagem de uso, seguido da azitromicina, e havendo também alta prevalência de vitaminas C e D. No entanto, não há dados e ensaios clínicos suficientes que apoiem a correlação entre a administração desses medicamentos e a melhora do estado clínico dos pacientes (SOUZA MNC, et al., 2021).

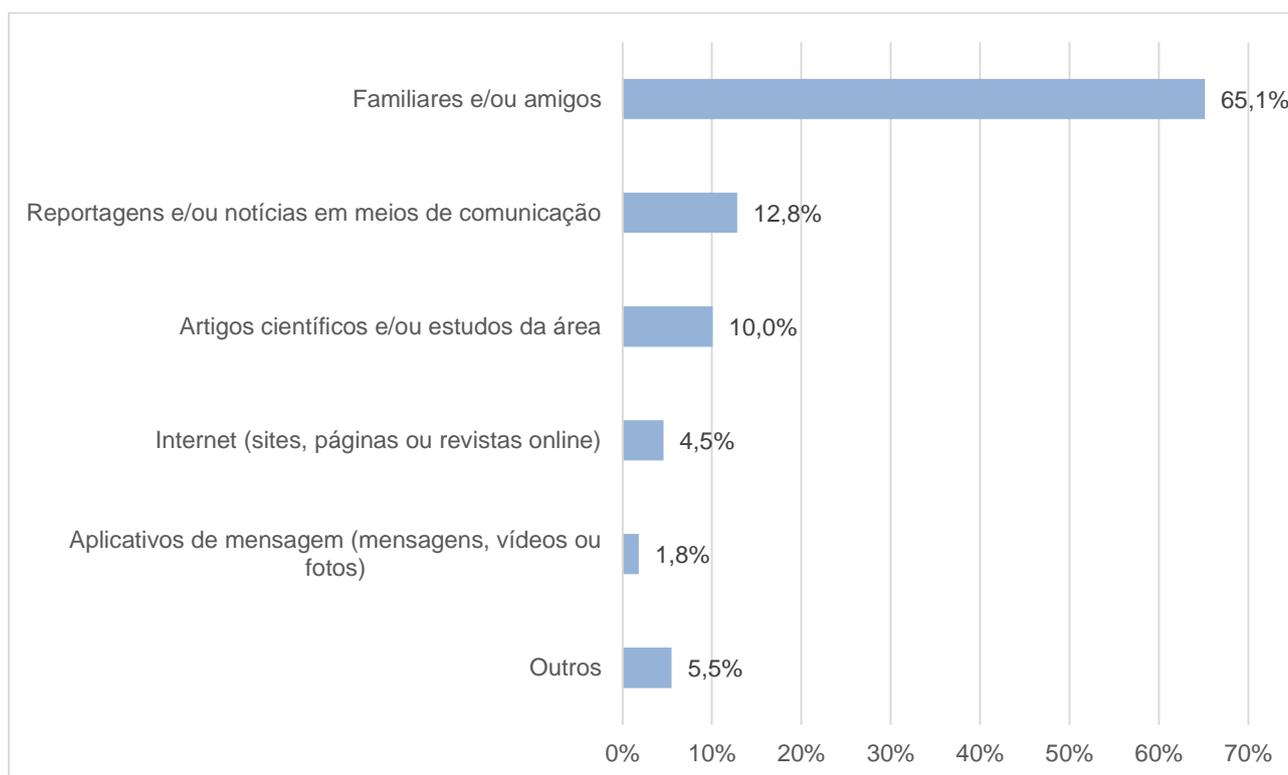
Fatores associados à automedicação

As incertezas relacionadas ao tratamento da COVID-19 levaram a um crescimento significativo da desinformação em saúde. Nos primeiros meses da pandemia foram identificados cerca de 2.300 informes referentes à desinformação sendo publicados em 25 idiomas e em 87 países (ISLAM MS, et al., 2020). O termo infodemia foi criado para designar esse excesso de informações, nem sempre fidedignas, amplificadas

em um curto período devido a um incidente (OPAS, 2020). A distribuição de notícias não autenticadas, a manipulação e distorção de dados e o seu compartilhamento de maneira desenfreada pelos meios midiáticos, dificultaram o acesso a informações válidas e confiáveis (ISLAM MS, et al., 2020).

Os entrevistados, ao serem questionados sobre a indicação dos medicamentos utilizados, basearam-se principalmente pela recomendação de familiares/amigos (65,1%). A influência dos meios de comunicação mediante reportagens/notícias contribuiu com 12,8%. As automedicações baseadas em artigos científicos foram de 10% e as indicações por mídias digitais (sites, páginas ou revistas online) corresponderam a 4,5%. Quanto às automedicações sem indicações, ou seja, por conta própria, representaram 5,5%. A indicação com menor número descrito foi por meio dos aplicativos de mensagens, com 1,8% (**Gráfico 2**).

Gráfico 2 - Fonte de indicação para adesão à prática da automedicação.



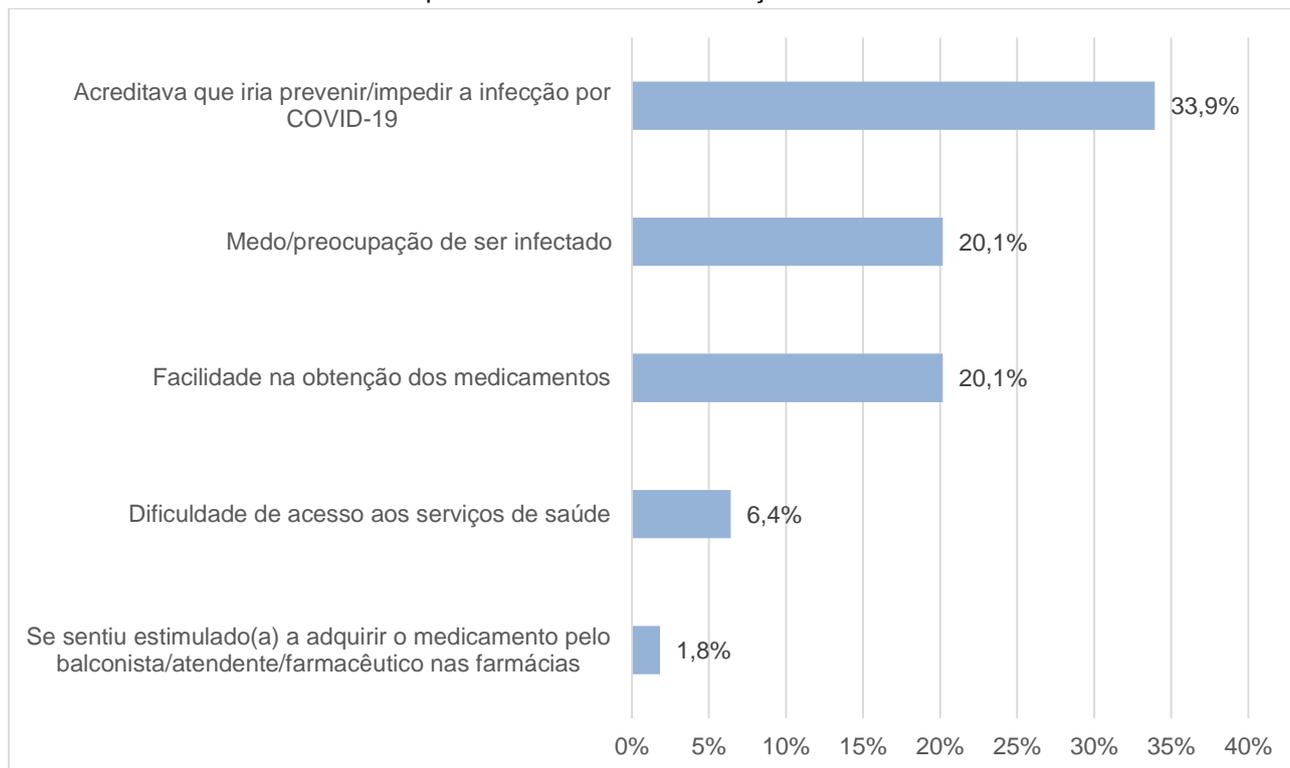
Fonte: Rosa LC, et al., 2022.

Diversos estudos demonstraram a prevalência das sugestões de familiares e conhecidos como primeiros recursos ao iniciarem ou prosseguirem tratamentos de saúde (GAMA ASM e SECOLI SR, et al., 2017; SCHUELTER-TREVISOL et al., 2011). Outro fator relevante é a mídia televisiva e outros meios de comunicação.

A facilidade de acesso, consumo e divulgação de informações colocam esses veículos como instâncias maiores na veiculação de notícias contextualizadas sobre a saúde (GOMES JC, et al., 2020). No entanto, a comunicação no cenário atual, devido à popularização das notícias falsas impactou a influência no consumo de fármacos que permeiam a questão do tratamento e da profilaxia à doença. Essa forma estratégica visando o aumento lucrativo das indústrias farmacêuticas negligencia fatos importantes relacionados às reações adversas e contraindicações (GIMENES LS, et al., 2019).

A automedicação visando à prevenção ou combate à COVID-19 se destacou com uma frequência de 33,9%; o medo e a preocupação de contrair a infecção também apresentou uma prevalência significativa de 20,1% mesma porcentagem observada pela facilidade de acesso aos medicamentos. A menor frequência de citações se deu pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde (6,4%) e por estímulo a adquirir o medicamento pelo balconista/atendente/farmacêutico nas farmácias (1,8%) (**Gráfico 3**).

Gráfico 3 - Fatores motivacionais que induziram à automedicação.



Fonte: Rosa LC, et al., 2022.

O cenário crítico imposto pela pandemia tem impulsionado à preocupação e o medo frente ao risco que a doença representa tal fato aliado às dificuldades de acesso a assistência médica em comparação com a ampla facilidade na obtenção de medicamentos, influenciaram a população pela procura e uso imprudente de formas alternativas de tratamentos (FRANCISCO RA, et al., 2021).

Dúvidas e orientações ao tratamento

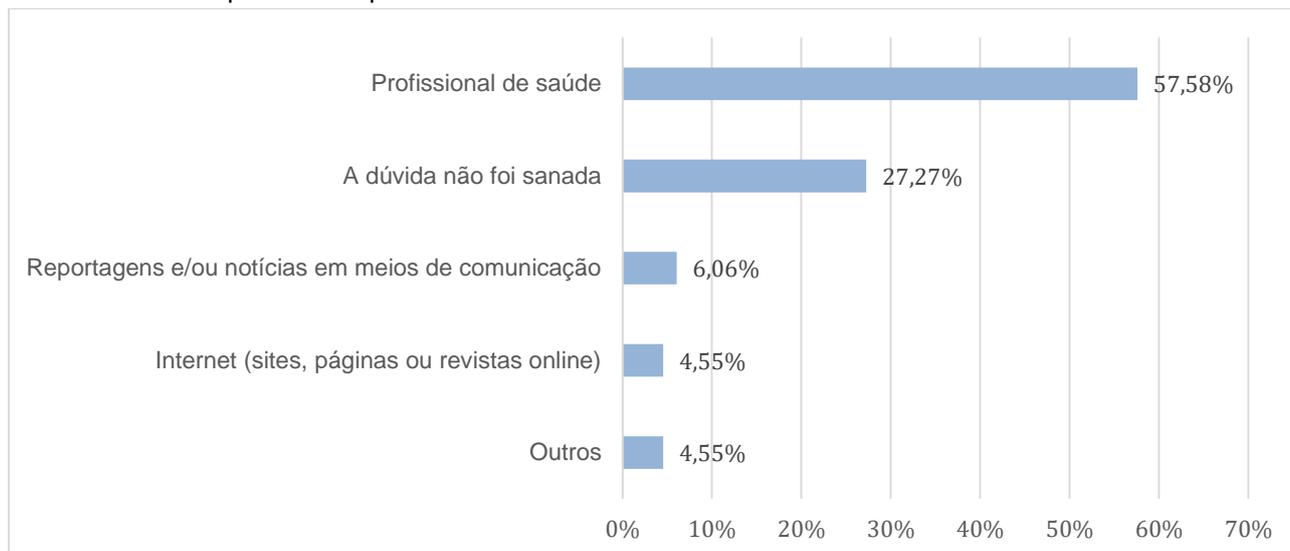
Um estudo que avaliou aspectos da telessaúde em 2021, concluiu que houve aumento de 78,6% na procura de assistência por telefone durante pandemia, sendo 28,8% das dúvidas concernentes à COVID-19 (FRANCISCO RA, et al., 2021). Entre os participantes que realizaram tratamento medicamentoso durante a infecção por COVID-19, seja por prescrição ou automedicação, cerca de 40% alegaram ter tido alguma dúvida em relação ao esquema terapêutico proposto.

As dúvidas surgem, pois, além de uma nova doença gerar medo e vulnerabilidade na população, há também uma grande massa de informações que se espalham de forma exponencial, o fenômeno da infodemia (GARCIA LP e DUARTE E, et al., 2020).

Quando a comunidade não obtém informações apropriadas e verdadeiras, abrem-se brechas para a disseminação das chamadas *fake News* que podem trazer riscos à população e à saúde pública. Exemplo disso foi um caso ocorrido no Irã, onde houve a veiculação de orientação falsa acerca da ingestão de álcool na prevenção e combate ao vírus. Logo após, mais de 500 indivíduos vieram a óbito depois de consumirem álcool contaminado com metanol, e houve mais de 5000 ocorrências de intoxicação pelo mesmo motivo (SHOKOOH M, et al., 2020).

No questionário deste trabalho, cerca de 20 estudantes declararam que não tiveram sua dúvida concernente à utilização dos medicamentos durante o tratamento respondida, representando uma lacuna no conhecimento que pode vir a ser um risco ao próprio indivíduo. Outro dado obtido foi que 57,6% (n= 66) dos alunos relataram ter esclarecido as suas dúvidas com um profissional de saúde, o que é uma boa indicação, visto que são fontes teoricamente habilitadas no conhecimento científico (**Gráfico 4**).

Gráfico 4 - Meios procurados pelos universitários a fim de sanar as dúvidas.



Fonte: Rosa LC, et al., 2022.

É primordial que pacientes e profissionais de saúde estabeleçam uma comunicação clara, no contexto da pandemia, a importância da comunicação principalmente em momentos de gerenciamento de crise, é um pilar fundamental para o surgimento de uma relação de confiança entre profissional e paciente, garantindo um tempo para o esclarecimento de dúvidas, sempre de maneira objetiva e de linguagem acessível. As mídias são um meio de grande alcance para a comunicação com o público. Como consta no **Gráfico 4**, 6,0% e 4,5% respectivamente, buscaram sanar seus questionamentos em reportagens e/ou notícias em meios de comunicação, e na internet, em sites, páginas ou revistas *online*.

De acordo com um levantamento feito pelo Avaaz, a maioria dos brasileiros tem adquirido informações sobre a COVID-19 por meio dos telejornais (AVAAZ, 2020). Em meio ao cenário de caos midiático e infodemia, a checagem da veracidade dos eventos, considerada geralmente um requisito no contexto da telecomunicação, ganha ainda mais importância para obtenção de credibilidade do público, e o jornalismo de qualidade aparece como um pilar na batalha contra as *fake news*, pois a imprensa possui uma grande responsabilidade como propagadora de notícias (FALCÃO P e SOUZA AB, et al., 2021).

CONCLUSÃO

Em vista dos dados apresentados, constatou-se que a maior parte dos estudantes tem consciência do significado da automedicação e que há uma maior tendência de sua execução entre as mulheres. A principal fonte de indicação foi de familiares e amigos, com influência das informações divulgadas pelos meios de comunicação midiáticos. Destacou-se como maior consumo por automedicação a ivermectina (93,6%) reafirmando a importância do profissional farmacêutico na correta orientação quanto à utilização e reforçando o uso racional de medicamentos. Quanto ao perfil dos medicamentos reaproveitados e utilizados no tratamento da COVID-19, a azitromicina foi a mais citada (64,2%), sendo a maioria dos fármacos obtidos por prescrição médica. Nessa condição, poderiam ser investigadas as condutas exercidas agora em comparação ao comportamento futuro, analisando pontos como a prevalência da automedicação e a influência das mídias fora de um contexto pandêmico, bem como a adesão às novas possibilidades de tratamento e prevenção.

REFERÊNCIAS

1. ABDULAMIR AS, et al. A randomised controlled trial of effectiveness and safety of Niclosamide as add on therapy to the standard of care measures in COVID-19 management. *Annals of Medicine and Surgery*, 2021; 69.

2. ANDRADE EA, et al. Perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população universitária, frente a pandemia da Covid-19. *Brazilian Journal of Development*, 2021; 7(7): 73772–73784.
3. ARRAIS PSD, et al. Perfil da automedicação no Brasil. *Revista Saúde Pública*, 1997; 31(1): 71–7.
4. BANERJEE D e MEENA KS. COVID-19 as an “Infodemic” in Public Health: Critical Role of the Social Media. *Frontiers in Public Health*, 2021; 9: 1–8.
5. BARCELOS TN, et al. Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. *Revista Panamericana Salud Pública*, 2021; 45: 1-8.
6. BARRETO MS, et al. Fake news sobre a pandemia da COVID-19: percepção de profissionais de saúde e seus familiares. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2021; 55: e20210007
7. CALELLO DP, et al. American College of Medical Toxicology (ACMT) Cautions Against Off-Label Prescribing of Ivermectin for the Prevention or Treatment of COVID-19. *Journal of Medical Toxicology*, 2022; 18: 69–70.
8. CFF. 2020. In: Levantamento mostra como o medo da Covid-19 impactou venda de medicamentos. Disponível em: <<https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5747>>. Acesso em: 06 de jan. 2022.
9. FALCÃO P e SOUZA AB. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 2021; 15(1): 55–71.
10. FRANCISCO RA, et al. Riscos da Automedicação Durante a Pandemia COVID-19. *Revista Científica Multidisciplinar*, 2021; 2(11): 1–17.
11. GALATO D, et al. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva* 2012; 17(12): 3323–3330.
12. GAMA ASM e SECOLI SR. Self-medication among nursing students in theação em estudantes de enf state of Amazonas-Brazil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2017; 38(1): 1–7.
13. GARCIA LP e DUARTE E. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiologia e serviços de saude*, 2020; v. 29, n. 4, p. e2020186.
14. GIMENES LS, et al. A influência da propaganda de medicamentos na automedicação. *Amazônia Science & Health*, 2019; 7(2): 14–19.
15. GOMES JC, et al. Riscos da Automedicação na Pandemia por COVID-19: O Dilema Entre Informações Midiáticas e Científicas. *Ciências da Saúde no Brasil*, 2020; 40–46.
16. HUANG GC, et al. Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. *The Lancet*, 2020; 395: 497–506.
17. ICTQ. 2022. In: Aproximadamente 90% dos brasileiros realizam automedicação. Disponível em: <<https://ictq.com.br/farmacia-clinica/3202-aproximadamente-90-dos-brasileiros-realiza-automedicacao-atesta-ictq>>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2022.
18. ISLAM MS, et al. COVID-19-Related infodemic and its impact on public health: A global social media analysis. *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, 2020; 103(4): 1621–1629.
19. KRISHNAN A, et al. A narrative review of coronavirus disease 2019 (COVID-19): clinical, epidemiological characteristics, and systemic manifestations. *Internal and Emergency Medicine*, 2021; 16(4): 815–830.
20. DFNDR LAB. 2018. In: Relatório da segurança digital no Brasil: segundo trimestre – 2018. Disponível em: <https://www.psafec.com/dfndr-lab/wp-content/uploads/2018/08/dfndr-lab-Relat%C3%B3rio-da-Seguran%C3%A7a-Digital-no-Brasil-2%C2%BA-trimestre-de-2018.pdf>. Acessado em 23 out. 2022.
21. LAI CC, et al. Co-infections among patients with COVID- 19: The need for combination therapy with non-anti-SARS-CoV-2 agents? *Journal of Microbiology, Immunology and Infection*, 2020; 53: 505–512.
22. LIMA FLO, et al. Diagnóstico da COVID-19: importância dos testes laboratoriais e dos exames de imagem. *Research, Society and Development*, 2020; 9(9): 1–15.
23. LÓPEZ-MEDINA E, et al. Effect of Ivermectin on Time to Resolution of Symptoms among Adults with Mild COVID-19: A Randomized Clinical Trial. *JAMA - Journal of the American Medical Association*, 2021; 325(14): 1426–1435.
24. MELO JRR, et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, 2021; 37(4): 5.
25. MOLENTO MB. Ivermectin against COVID-19: The unprecedented consequences in Latin America. *One Health*, 2021; 13.

26. MOURA JM, et al. Indicação e uso de azitromicina no tratamento do COVID-19: revisão da literatura / Indication of azithromycin in the treatment of COVID-19: literature review. *Brazilian Journal of Development*, 2021; 7(6): 56547–56556.
27. NAVES JDOS, et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2010; 15: 1751–1762.
28. NETO AJDM, et al. Prevenção Quaternária e a Prescrição de Cloroquina e Hidroxicloroquina na COVID-19. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 2021; 16(43): 2573.
29. OKUMU N, et al. Evaluation of the effectiveness and safety of adding ivermectin to treatment in severe COVID-19 patients. *BMC Infectious Diseases*, 2021; 21(411): 1–11.
30. OMS. The role of the pharmacist in self-care and self-medication. 1998. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/65860>. Acessado em: 30 de setembro de 2021.
31. OPAS. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf. Acessado em: 10 de fev. 2022.
32. PANDEY S, et al. Ivermectin in COVID-19: What do we know? *Diabetes and Metabolic Syndrome: Clinical Research and Reviews*, 2020; 14(6): 1921–1922.
33. PRZYSIEZNY B, et al. Perfil clínico e epidemiológico dos casos de COVID-19 na cidade de Brusque, Santa Catarina. *Associação Catarinense de Medicina*, 2020; 49(2): 129–142.
34. RAFIQ K, et al. Self-Medication in the COVID-19 Pandemic: Survival of the Fittest. *Disaster Medicine and Public Health Preparedness*, 2021; 1–5.
35. RAJTER JC, et al. Use of Ivermectin Is Associated with Lower Mortality in Hospitalized Patients with Coronavirus Disease 2019: The Ivermectin in COVID Nineteen Study. *Chest*, 2021; 159(1): 85–92.
36. REIS AA e SANTOS RDS. O padrão ouro no diagnóstico molecular na COVID19: O que sabemos sobre a soberania deste método? *Brazilian Journal of Health Review*, 2020; 3(3): 5986–5992.
37. SANTOS-PINTO CDB, et al. “Kit-covid” and the popular pharmacy program in Brazil. *Cadernos de Saude Publica*, 2021; 37: 2.
38. SCHUELTER-TREVISOL F, et al. Automedicação em universitários. *Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, 2011; 9(6): 414–7.
39. SETO IIC, et al. Aspectos epidemiológicos, clínicos e olfatórios de pacientes com COVID-19. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2021; 13(2): e6348.
40. SHOKOOHI M, et al. A syndemic of COVID-19 and methanol poisoning in Iran: Time for Iran to consider alcohol use as a public health challenge? *Alcohol*, 2020; 87: 25–27.
41. SILVA JACD, et al. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. *Revista Brasileira de Clínica Médica*, 2013; 11(1): 27–30.
42. SOUZA MNC, et al. Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2. *Research, Society and Development*, 2021; 10(1): 1–9.
43. STRUYF T, et al. Signs and symptoms to determine if a patient presenting in primary care or hospital outpatient settings has COVID-19 disease (Review). *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 2021; 19(7): 1–93.
44. TENTOLOURIS A, et al. COVID-19: time to flatten the infodemic curve. *Clinical and Experimental Medicine*, 2021; 21(2): 161–165.